

NEGÓCIOS DA AGRICULTURA E DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR



APOIOS:





ESPECIAL

NEGÓCIOS DA AGRICULTURA E DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

POR:

João Duque, Presidente do ISEG

ENQUADRAMENTO

SUSTENTABILIDADE E COMPETITIVIDADE NA AGRICULTURA E AGROINDÚSTRIA

VIVE-SE UM TEMPO DE TRANSIÇÃO EM MÚLTIPAS DIMENSÕES E ÁREAS DA ACTIVIDADE HUMANA: TRANSIÇÃO CLIMÁTICA, ENERGÉTICA, DIGITAL E ATÉ GERACIONAL

Se isso já em si é de uma enorme dificuldade porque exige uma coordenação de esforços e vontades ao nível planetário, agora coloquem sobre o problema um enquadramento de tensão militar, política, um contínuo crescimento populacional, ao qual se soma uma crescente pressão das sociedades para a democratização do acesso ao nível de conforto e padrões de consumo das economias desenvolvidas...um desafio colossal! Será que seremos capazes de o fazer?

A agricultura - sector muitas vezes subestimado, mas absolutamente vital - está no centro deste turbilhão de mudanças. O sector produz alimentos, fibras, combustíveis. Cria emprego. Cuida da paisagem. Promove a ocupação saudável do território, reconduz a humanidade à sua relação com a natureza e dá dignidade à existência humana.

Os jovens de hoje podem pensar que o que é importante na vida é oferecer ou beber do fluxo do feed de

reels do TikTok ou do Instagram, porque assumem que a água potável sempre brotará da torneira e que o esforço de produzir uma refeição se resume à força despendida na abertura da porta do frigorífico ou na preparação frente ao fogão.

E, para os mais preguiçosos, o esforço não passa de uns cliques no ecrã do telemóvel para encomendar a refeição através de uma plataforma como a Uber ou a Glovo. Contudo, sabemos que assim não é.

A alimentação é uma necessidade básica e a sua providência eleva a dignidade de quem a fornece a um nível superior. Porém, agora, mais do que nunca, o sector agrícola é chamado à produção de alimentos, fibras, biocombustíveis, à geração de emprego, ao cuidado da paisa-

gem ou à ocupação do território de forma sustentável, inovadora e competitiva.

Fala-se muito em sustentabilidade. Mas o que significa, verdadeiramente, ser sustentável no sector agrícola? Em termos simples, consiste em garantir que as próximas gerações poderão cultivar a mesma terra, beber da mesma água e respirar o mesmo ar que nós usamos hoje. É encontrar o equilíbrio entre o económico, o social e o ambiental. É saber gastar os recursos e colocá-los num ciclo de reaproveitamento sucessivo que os torna infinita e repetidamente úteis.

Na prática, isto traduz-se: na gestão eficiente da água, por exemplo, através de sistemas de rega gota-a-gota, sensores de



SUSTENTABILIDADE SOCIAL

«O SECTOR AGRÍCOLA TEM DE SABER RESPEITAR OS TRABALHADORES, INTEGRAR AS COMUNIDADES FORASTEIRAS QUE O ALIMENTAM COM MÃO-DE-OBRA, FORMAR OS JOVENS E GARANTIR UMA DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS QUE SEJA ESTIMULANTE»

humidade, reutilização de águas residuais; na conservação do solo, através da rotação de culturas, da cobertura vegetal e da práticas de agricultura regenerativa, na redução da utilização de químicos, por exemplo, através da protecção integrada e biotecnologias de baixo impacto ou na redução das emissões de carbono, pela adopção de energias renováveis, mecanização inteligente e logística sustentável.

Mas não esquecendo que tudo isso tem de se realizar no enquadramento de um crescimento populacional constante e numa dinâmica que, no futuro, pode reduzir severamente as áreas apropriadas ao cultivo de alimentos.

Mas a sustentabilidade não é só ambiental. É também social. Por isso, o sector agrícola tem de saber respeitar os trabalhadores, integrar as comunidades forasteiras que o alimentam com mão-de-obra, formar os jovens e garantir uma distribuição de rendimentos que seja estimulante, mas não descompensada, a ponto de tornar indignas e chocantes as diferenças sociais, em que o benefício de poucos se funda na miséria de muitos. E, finalmente, é necessário não esquecer que a sustentabilidade terá de ser sempre económica, pois nenhum projeto se sustenta se não for viável financeiramente.

Por seu turno, a competitividade é, de acordo com Michael Porter, a capacidade de uma organização, país, sector ou indivíduo de competir com eficácia e eficiência num determinado mercado ou ambiente. De uma forma simples: significa fazer

cada vez mais com cada vez menos recursos, de forma constante, e de modo a ir satisfazendo a procura que constantemente se cansa, até pela monotonia do uso. Essa capacidade envolve diversos factores, como produtividade, inovação, qualidade, custos, flexibilidade e capacidade de adaptação.

Por isso, quando pensamos em competitividade no sector agrícola ou agro-industrial, não podemos deixar de considerar as políticas públicas, o ambiente de negócio, o investimento, o desenvolvimento de mercados, as infra-estruturas, a educação, a população, os cuidados primários de saúde, a segurança e o estímulo ao risco e à inovação.

Mas atenção: ser competitivo não é ser predatório. É usar os recursos de forma inteligente, é inovar com ética, é crescer sem destruir.

E aqui está o grande desafio e também a grande oportunidade: fazer com que a sustentabilidade e a competitividade se reforcem mutuamente.

Não são inimigas. Não podem ser! Pelo contrário! A competitividade é essencial para garantir que conseguiremos crescer de modo sustentável, e de modo a providenciar os meios alimentares ou as matérias-primas em quantidade suficiente para a população crescente e mais consumidora. Um agricultor sustentável consome menos, protege os seus recursos e ganha reputação, oferecendo produtos que satisfazem ainda mais os seus consumidores, quer do ponto de vista estritamente físico, quer do ponto de vista imaterial, ao dar-lhes o gosto de consumir bens que



» João Duque,
Presidente
do ISEG

mitigam o seu impacto ambiental. Uma exploração competitiva pode investir em certificações ambientais, em energias limpas e conquistar mercados mais exigentes e mais lucrativos.

Por exemplo, um produtor de azeite que investe em olivais de sequeiro adaptados à região, certifica o seu produto como orgânico e vende em mercados gourmet, está a ser sustentável e competitivo. Uma empresa que instala painéis solares, reduz custos de energia e torna-se energeticamente auto-suficiente, está a ser sustentável e competitiva. Um agro-industrial que transforma resíduos em biogás ou fertilizante está a ser sustentável e competitivo.

O que acabo de sugerir, do ponto de vista racional e meramente teórico, é comprovado por diversos estudos empíricos sobre este tema.

A sustentabilidade não é um luxo, é uma necessidade. A competitividade não é uma opção, é uma condição de sobrevivência. O futuro da agricultura e da agro-indústria está nas mãos de quem souber produzir mais com menos, respeitando os limites do planeta, sem abrir mão da excelência. Temos os desafios do clima, da escassez de recursos, da pressão dos mercados. Mas também temos mais conhecimento, mais tecnologia, mais ferramentas e mais consciência do que nunca. ●



«OS JOVENS
PODEM PENSAR
QUE O QUE É
IMPORTANTE
NA VIDA É
OFERECER
OU BEBER DO
FLUXO DO FEED
DE REELS DO TI-
KTOK PORQUE
ASSUMEM QUE
A ÁGUA POTÁ-
VEL SEMPRE
BROTARÁ DA
TORNEIRA»



ESPECIAL

NEGÓCIOS DA AGRICULTURA E DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

ASCENZA

60 ANOS DE COMPROMISSO COM A AGRICULTURA

A CELEBRAR SEIS DÉCADAS DE ACTIVIDADE, A ASCENZA PERCORREU UM CAMINHO MARCADO PELA INOVAÇÃO E PELA EXPANSÃO INTERNACIONAL, MANTENDO-SE FIEL ÀS SUAS ORIGENS

A

Ascenza iniciou em 1965 a sua actividade no sector da protecção de culturas. Um dos primeiros marcos tecnológicos foi a aquisição da tecnologia de enxofre molhável, que viria a distinguir a marca no mercado.

A década de 90 trouxe uma aposta clara na diversificação de fornecedores, incluindo

mercados asiáticos, o que permitiu reforçar a competitividade da empresa. Em 1998, a Ascenza atingiu a liderança do mercado português na área da protecção das culturas, com uma quota de 18% e um volume de vendas de 20 milhões de euros.

O final dos anos 90 marcou também o início da internacionalização. De acordo com Rui Correia, Head of Central Marketing da empresa, em 1999, a expansão para Espanha demonstrou «a escalabilidade do nosso modelo de negócio e a nossa capacidade de adaptação a novos contextos». Pouco depois, em 2000, a aquisição da Tradecorp em Espanha e o lançamento da Selectis em Portugal reforçaram a presença ibérica e a aposta na diferenciação técnica.

Ao longo da década seguinte, a Ascenza consolidou-se como um dos principais intervenientes no sul da Europa, expandindo-se para França, Itália, Grécia, Bulgária e Roménia. Em 2013, o volume de vendas ascendia já aos 116 milhões de euros.

A presença em mercados mais distantes começou a desenhar-se em 2017, com a entrada no Brasil,



segundo-se o México em 2020, sempre com uma estratégia adaptada às especificidades agrícolas de cada região.

Em 2018, a empresa lançou uma nova identidade corporativa, adoptando a marca Ascenza como símbolo de uma fase de crescimento e resiliência.

Nos últimos anos, o investimento na digitalização tornou-se uma prioridade, com o lançamento de uma plataforma online que hoje serve clientes em seis países. Em 2024, a construção de uma nova torre de secagem veio aumentar

em cerca de 30% a capacidade de produção de formulações WG, uma das expertises da empresa.

Rui Correia sublinha que este percurso de seis décadas é também uma base para o futuro: «Celebrámos 60 anos de inovação, mas com os olhos postos no amanhã. Estamos a evoluir o portefólio com soluções mais sustentáveis e tecnologias avançadas de formulação, sempre com o objectivo de reduzir o impacto ambiental.»

Actualmente, com mais de 550 colaboradores, 950 registos de produtos e uma receita superior a



» Rui Correia, Head of Central Marketing da Ascenza



ASCENZA®

220 milhões de euros, a Ascenza posiciona-se como uma referência na protecção de culturas, sobretudo no sul da Europa, mantendo a aposta na modernização da unidade industrial de Setúbal como pilar para o crescimento sustentável.

SUSTENTABILIDADE E TECNOLOGIA

A sustentabilidade é uma prioridade estratégica para a Ascenza, que tem vindo a integrar práticas responsáveis tanto no desenvolvimento de produtos como na relação com os agricultores.

Rui Correia explica que o programa NERTHUS da empresa assenta em dois pilares principais: a gestão responsável dos produtos fitofarmacêuticos e a promoção da sustentabilidade agrícola. No portefólio, destacam-se soluções biológicas como a linha Blexia, que privilegia uma bioprotecção com menor impacto ambiental.

Paralelamente, a Ascenza investe no desenvolvimento de produtos que reduzem a quantidade de substâncias activas por hectare, melhorando a eficácia e minimizando riscos para os operadores e para o ambiente.

Do lado operacional, a empresa lançou o Plano Net Zero, focado na ecoeficiência e descarbonização das operações, incluindo a instalação de painéis fotovoltaicos na unidade fabril.

A formação contínua dos agricultores é outro elemento-chave,



60 ANOS DE HISTÓRIA
FUNDADA EM 1965, A ASCENZA INICIOU-SE NO SECTOR DA PROTECÇÃO DAS CULTURAS, DIVERSIFICANDO DESDE CEDO PARA ÁREAS COMO FERTILIZANTES, SEMENTES E ALIMENTAÇÃO ANIMAL

através de acções presenciais e da plataforma Xperts by Ascenza, que disponibiliza conteúdos educativos sobre boas práticas agrícolas e uso seguro dos produtos.

Além disso, a Ascenza implementa práticas como a reutilização de águas de lavagem, gestão eficiente de resíduos e sistemas fechados de transferência de produtos no campo, como o easyconnect CTS, evidenciando uma abordagem integrada à sustentabilidade, que abrange toda a cadeia, desde a produção até à utilização final.

Face às crescentes exigências dos consumidores em relação à sustentabilidade e segurança alimentar, a Ascenza tem ajustado as suas estratégias em várias áreas da actividade.

Rui Correia explica que a empresa tem vindo a apostar num portefólio de produtos com menor impacto ambiental, como é o caso da feromona para a traça do olival, que permite controlar a praga sem aplicação de produtos fitofarmacêuticos.

Além disso, a Ascenza apoia a Protecção Integrada de Pragas (IPM) e promove práticas agrícolas que garantem um controlo rigoroso dos resíduos, cumprindo os padrões internacionais de segurança alimentar, respondendo assim às expectativas crescentes dos consumidores.

A incorporação de tecnologias inovadoras é outro dos pilares que permite à Ascenza optimizar o desenvolvimento e a eficácia dos seus produtos. Rui Correia destaca que «no âmbito da Indústria 4.0, a empresa centralizou os

comandos das torres de secagem, garantindo maior precisão no controlo e eficiência nos consumos energéticos». Além disso, «a modernização do sistema de pesagem assegura dosagens automáticas e precisas, enquanto a implementação de robôs colaborativos nas linhas de embalamento melhora a produtividade e as condições de trabalho».

No domínio da estratégia de resiliência, a Ascenza mantém alternativas tecnológicas para os seus produtos principais, garantindo flexibilidade perante alterações regulatórias e assegurando a eficácia operacional. Rui Correia sublinha ainda o investimento contínuo em investigação e desenvolvimento e em parcerias estratégicas, que promovem a transferência de conhecimento e o desenvolvimento de soluções baseadas em dados e ciência aplicada.

Na fábrica de Setúbal, a tecnologia desempenha um papel essencial na melhoria contínua de toda a cadeia de valor. A Ascenza actua em várias frentes para garantir este objectivo: na I&D, recorre a plataformas digitais e simulações químicas para acelerar o desenvolvimento de soluções mais eficazes e sustentáveis. Ao nível da automação, sistemas SCADA, sensores IoT e controlo em tempo real aumentam a eficiência, reduzem variabilidades e garantem qualidade.

A empresa destaca também a importância da rastreabilidade, assegurada por monitorização digital completa, que garante a conformidade, minimiza erros e facilita auditorias. A manutenção



ESPECIAL

NEGÓCIOS DA AGRICULTURA
E DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

ASCENZA

preditiva, baseada em dados, permite antecipar falhas, reduzir paragens e aumentar a fiabilidade dos processos.

No campo da sustentabilidade, a tecnologia é usada para optimizar o consumo de recursos, reduzir resíduos e promover o reaproveitamento de subprodutos. Ferramentas ERP e plataformas colaborativas ligam fornecedores e clientes, tornando os processos mais integrados, enquanto as soluções de Business Intelligence geram informação essencial para decisões mais rápidas e eficazes.

No plano industrial, a Ascenza identifica a modernização tecnológica como um dos principais desafios, sobretudo no controlo e automação dos processos produtivos na unidade de Setúbal.

PROGRAMAS E FORMAÇÃO

A Ascenza tem alinhado a sua estratégia de sustentabilidade com os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, através do Programa Nerthus.

Neste âmbito, a empresa foca-se em quatro dos dezassete ODS, desenvolvendo acções concretas para garantir um sistema alimentar mais justo. No que diz respeito ao “Fome Zero”, a Ascenza disponibiliza soluções agrícolas sustentáveis e de baixo risco, que ajudam os produtores a melhorar a eficiência com menor impacto ambiental.

Em “Vida na Terra”, o investimento em I&D visa reduzir o impacto ambiental e proteger a biodiversidade, ao mesmo tempo que promove práticas sustentáveis e a formação contínua de agricultores.



A ASCENZA TEM ALINHADO A SUA ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE COM OS OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) DAS NAÇÕES UNIDAS, ATRAVÉS DO PROGRAMA NERTHUS



Já na vertente de “Acção Climática”, o projecto Net Zero tem como meta descarbonizar as operações fabris e reduzir a pegada de carbono em 40%, apostando em energias renováveis e em medidas de eficiência energética.

Por fim, no âmbito da “Produção Responsável”, a empresa implementa práticas sustentáveis como a reutilização de águas e a reciclagem de embalagens, garantindo uma elevada taxa de recuperação de plásticos.

A Ascenza aposta numa estratégia de proximidade para garantir a formação e o apoio técnico aos agricultores, assegurando a utilização correcta dos seus produtos e equipamentos.

Para isso, as equipas de marketing técnico prestam apoio local nos diferentes países onde a empresa opera, acompanhando agricultores, técnicos e distribuidores no terreno. Este suporte abrange desde a correcta aplicação dos produtos até à partilha de recomendações técnicas, ajustadas às principais pragas e doenças que afectam cada cultura. O trabalho de proximidade pode incluir reuniões, visitas a campo ou demonstrações de ensaios.

Paralelamente, a Ascenza disponibiliza conteúdos formativos em formato digital, como webinars, podcasts, vídeos técnicos e artigos

especializados, reforçando o apoio técnico com recursos acessíveis em qualquer altura.

De acordo com Rui Correia, o sector agrícola enfrenta hoje «desafios complexos relacionados com a segurança alimentar, as alterações climáticas e a necessidade de práticas mais sustentáveis». Neste contexto, a Ascenza acredita estar preparada para acompanhar a evolução, destacando que está «a desenvolver uma nova geração de produtos que permite reduzir a quantidade de substâncias activas por hectare, mantendo — ou até melhorando — a eficácia, com menor impacto para o operador e para o ambiente».

Este trabalho assenta também na preparação das equipas, que estão «cada vez mais capacitadas e dotadas de ferramentas que lhes permitem trabalhar processos internos de forma mais ágil e eficaz, garantindo uma maior competitividade da empresa».

Além disso, reforça-se a ligação ao terreno com o «processo de digitalização da comunicação, com ferramentas que nos permitem chegar a mais pessoas — agricultores, distribuidores e técnicos — de forma mais rápida e com informação e formação cada vez mais relevante, no momento certo da campanha agrícola», conclui Rui Correia. ●

60 ANOS DE CRESCIMENTO COMEÇAM SEMPRE COM DEDICAÇÃO

Because we care



PESSOAS

PLANTAS

PLANETA

Tudo o que vale a pena, leva tempo para crescer.
Obrigado pelos últimos 60 anos de crescimento e superação juntos, como sempre.



ESPECIAL

NEGÓCIOS DA AGRICULTURA E DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

CRÉDITO AGRÍCOLA

INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E APOIO INTEGRADO

O CRÉDITO AGRÍCOLA É O PRINCIPAL
BANCO DO SECTOR AGRÍCOLA
COM SOLUÇÕES FINANCEIRAS
ESPECIALIZADAS E APOIO À INOVAÇÃO

A

instituição disponibiliza soluções financeiras ajustadas às necessidades específicas de agricultores, cooperativas e empresas agroindustriais, complementando a oferta com a prestação de apoio técnico e consultivo e linhas de crédito orientadas para o desenvolvimento do sector.

Nos últimos anos, o banco tem reforçado a sua intervenção através da participação em programas públicos como o PDR 2030, o PEPAC e o PRR, oferecendo condições de financiamento consideradas competitivas, com taxas de juro ajustadas e prazos mais alargados. Em 2024, o Crédito Agrícola registou um aumento da quota de

mercado no crédito total para 6% e atingiu cerca de 32% no segmento agrícola, ultrapassando o ritmo de crescimento do mercado nacional.

Com uma posição financeira robusta, liquidez e níveis de solvabilidade que superam os requisitos regulatórios, o banco garante que se consolida como parceiro de confiança para os agricultores, acompanhando a evolução do sector rumo a uma maior profissionalização, aposta na digitalização e compromisso com a sustentabilidade. A estratégia passa, segundo o próprio banco, por um crescimento sustentado,

mantendo a proximidade ao cliente e investindo continuamente na inovação.

Neste contexto de consolidação e crescimento, o Crédito Agrícola identifica também importantes tendências que estão a moldar o sector agroalimentar nacional. A instituição realça que o mercado atravessa uma fase de transformação marcada pela aposta na qualidade, pela preocupação com a sustentabilidade, pela inovação e pela procura de experiências diferenciadoras, com especial enfoque em produtos que promovam a saúde.



ECONOMIA CIRCULAR

O BANCO IDENTIFICA NA ECONOMIA CIRCULAR UMA OPORTUNIDADE PARA REFORÇAR A INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E COMPETITIVIDADE DO SECTOR AGROALIMENTAR



Para dar resposta a estas mudanças, o banco explica que tem vindo a ajustar a sua oferta através de soluções financeiras especializadas, capazes de apoiar projectos inovadores e captar fundos europeus que impulsionem o desenvolvimento do sector. Além disso, reforça parcerias estratégicas que privilegiam a partilha de conhecimento e práticas sustentáveis, incentivando ainda a valorização dos territórios rurais. Desta forma, procura fomentar a produção local e contribuir para o desenvolvimento equilibrado das comunidades onde está presente.

A par da apostila na valorização da produção e na sustentabilidade, o Crédito Agrícola reconhece que a transição digital e tecnológica é hoje um factor essencial para garantir a competitividade das explorações agrícolas. Para dar resposta a este desafio, o banco disponibiliza soluções de crédito específicas que facilitam a modernização dos processos produtivos, promovendo maior eficiência e controlo.

Além do financiamento, a instituição estabelece parcerias com entidades que apoiam o planeamento e a monitorização das explorações, ajudando a complementar os apoios públicos ao investimento, nomeadamente através do cofinanciamento de fundos europeus. O Crédito Agrícola destaca ainda o papel da formação na preparação dos empresários agrícolas para esta transformação, promovendo iniciativas como o programa Voice Leadership, desenvolvido em colaboração com a Nova SBE, que visa dotar os agricultores de competências para adoptarem

práticas mais inovadoras e tecnologicamente avançadas.

A preocupação com a inovação tecnológica vem acompanhada de um forte compromisso com a sustentabilidade ambiental, área onde o Crédito Agrícola assume um papel activo no apoio aos agricultores e empresários que pretendem alinhar-se com os objectivos do Pacto Ecológico Europeu.

Segundo a instituição, a sustentabilidade está hoje integrada no centro da sua actividade, orientando a sua actuação para promover o desenvolvimento socioeconómico local e facilitar a transição para uma economia de baixo carbono. O banco sublinha que está empenhado na redução de emissões, em conformidade com o Acordo de Paris, os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e a legislação europeia em vigor, tendo já em marcha um Plano de Transição Net Zero 2050 e a adesão à Net Zero Banking Alliance.

Para concretizar este compromisso, o Crédito Agrícola disponibiliza produtos financeiros específicos destinados a práticas mais sustentáveis, entre os quais se destacam a LC Descarbonização e Economia Circular, que financia projectos de eficiência energética e circularidade até 10 anos; a LC Energias Renováveis, que apoia investimentos em fontes de energia limpa; e a Linha BPF InvestEU, orientada para o financiamento de médio e longo prazo com vista à redução da pegada carbónica e à promoção de uma economia circular.



OS JOVENS
AGRICULTORES
CONTINUAM
A ENFRENTAR
VÁRIAS BARREI-
RAS NO ACESSO
AO CRÉDITO,
COMO A AUSÊN-
CIA DE HISTO-
RIAL BANCÁRIO,
A EXIGÊNCIA
DE GARANTIAS
ELEVADAS

Além das soluções próprias para promover a sustentabilidade, o Crédito Agrícola destaca também o papel que desempenha enquanto intermediário de várias linhas de crédito bonificado e apoios europeus dirigidos ao sector agrícola e agroindustrial.

Neste âmbito, a instituição sublinha a importância de instrumentos como o Fundo Europeu de Investimento (FEI), o PEPAC, o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e o programa Portugal 2030, através dos quais disponibiliza financiamento em condições mais vantajosas para os agricultores e empresas do sector.

O banco adianta ainda que a procura por estas linhas de crédito tem sido elevada, reflexo da relevância dos fundos europeus no impulso à modernização e competitividade da agricultura nacional.

A par da gestão dos fundos europeus e das linhas de crédito bonificado, o Crédito Agrícola reconhece ainda que é essencial dar resposta aos desafios específicos enfrentados pelos jovens que pretendem iniciar actividade no sector agrícola.

De acordo com a instituição, os jovens agricultores continuam a enfrentar várias barreiras no acesso ao crédito, como a ausência de historial bancário, a exigência de garantias elevadas, prazos de financiamento muitas vezes demasiado curtos, taxas de juro pouco competitivas e, em muitos casos, a dificuldade de acesso a terrenos, o que limita a rentabilidade inicial dos projectos



e aumenta o risco percepcionado pelas instituições financeiras.

Para mitigar estes obstáculos, o banco desenvolveu soluções direcionadas, destacando-se a Linha Agronegócios FEI, que oferece condições preferenciais de financiamento. Além disso, aposta em parcerias com associações como a AJAP (Associação dos Jovens Agricultores de Portugal), criando redes de apoio à instalação e ao arranque de actividade. O Crédito Agrícola sublinha também a existência de protocolos específicos para a antecipação de apoios públicos, bem como linhas de financiamento dedicadas à instalação e ao investimento inicial, garantindo condições mais favoráveis e contribuindo para atrair novas gerações ao sector.

Ao mesmo tempo que procura facilitar o ingresso das novas gerações na agricultura, o Crédito Agrícola mantém um olhar atento sobre a competitividade da indústria agroalimentar portuguesa no contexto internacional.

A instituição destaca que este sector tem um peso estratégico na economia nacional, representando o maior segmento industrial do país, responsável por cerca de 7,6%



AO APOIAR
TODA A CADEIA
DE VALOR
AGROALIMENTAR, O CRÉDITO
AGRÍCOLA
NÃO DESCURA
A GESTÃO
DOS RISCOS
ESPECÍFICOS
QUE AFECTAM
O SECTOR

do PIB e empregando cerca de 110 mil pessoas. Além disso, o agroalimentar português tem vindo a afirmar-se nos mercados externos, impulsionado pelo dinamismo empresarial, pela qualificação crescente dos agentes do sector e pela aposta na inovação.

No entanto, o Crédito Agrícola reconhece que persistem desafios estruturais e conjunturais que limitam o potencial de expansão, como a elevada regulamentação, a pressão sobre os custos de produção, a fragmentação empresarial - com predominância de pequenas e médias empresas - e uma forte dependência de apoios públicos para garantir investimentos em inovação e sustentabilidade.

Neste cenário, o banco sublinha o seu papel como parceiro essencial no reforço da competitividade e da internacionalização da indústria agroalimentar, assegurando financiamento, promovendo a adopção de práticas sustentáveis e apoiando projectos de modernização e inovação que permitam às empresas nacionais competir em melhores condições nos mercados globais.

Ao apoiar toda a cadeia de valor agroalimentar, o Crédito Agrícola não descura a gestão dos riscos específicos que afectam o sector, em particular os riscos climáticos e de mercado, que têm impacto directo na actividade agrícola.

A instituição explica que adopta uma abordagem integrada de gestão de risco, ajustada às particularidades da agricultura, e sublinha o seu compromisso com a neutralidade carbónica como parte da resposta aos desafios climáticos. Para mitigar

riscos operacionais, disponibiliza aos clientes instrumentos como seguros agrícolas, que protegem as explorações contra fenómenos adversos, e soluções diversificadas de financiamento que ajudam a equilibrar a exposição ao risco de crédito.

Além disso, investe na monitorização contínua dos riscos e na utilização de tecnologia avançada para análise de dados, o que permite antecipar potenciais impactos e actuar preventivamente para minimizar perdas.

O banco identifica na economia circular uma oportunidade para reforçar a inovação, sustentabilidade e competitividade do sector agroalimentar. Este modelo promove a redução de desperdícios, a valorização de resíduos e a criação de novos negócios, potenciando a colaboração entre produtores, indústria e centros de investigação.

Para os próximos três a cinco anos, a instituição define como prioridades estratégicas o financiamento de projectos de digitalização, transição energética, agricultura biológica e eficiência hídrica, complementando os apoios públicos existentes. Além de crédito para modernização, internacionalização e aquisição de equipamentos, destaca-se o investimento na capacitação técnica, em colaboração com universidades e startups, e a valorização da produção local, com apoio reforçado a cooperativas e associações. A transformação digital é um eixo central, procurando aumentar a eficiência sem comprometer a relação de proximidade e confiança com os clientes rurais. ●

CA EMPRESAS AGRICULTURA



LUZ VERDE para apoiar o sector agrícola



Apoiamos desde sempre o sector agrícola a enraizar, crescer e florescer.

**Plante connosco as sementes
do futuro.**



• Sujeito à Política de Aceitação de Clientes. Sujeito à avaliação de risco de crédito.

PUBLICIDADE

Para mais informações:
creditoagricola.pt |

Caixa Central - Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, C.R.L. registada junto do Banco de Portugal sob o nº 9000 - M.C.R.C de Lisboa e Pessoa Colectiva, nº 501 464 301 - Capital Social € 331.744.155,00 (variável) Rua Castilho nº 233, 233 A, Lisboa.